

volume

29/2

jul/2024

ICH - UFPel

História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

Patrimônio Cultural da Saúde e da Assistência:
reflexões sobre um campo multidisciplinar

*Cast. Le Trinciera d'adem @Cast. q' rimeira d'adem
especialidades em doces especialidades em doces
para casamentos, baptipara casamentos, bapti-
sudos e banquetes. E' usado e banquetes. E' a
unica depositaria da alfamaica depositaria da alf-
mada Guarana Espumamada Guarana Espumante
te e do eccellente choro e do excelente
lato Laeta, fabricados enlato Laeta, fabricados
S. Paulo pelos Srs. Zos, Paulo pelo S. Paulo
nolla Loureiro & Cagnotta Loureiro & Cagnotta
J. Confeitaria Brasileira J. Confeitaria Brasileira
Cast. Le Trinciera d'adem @Cast. q' rimeira d'adem
especialidades em doces especialidades em doces
para casamentos, baptipara casamentos, bapti-
sudos e banquetes. E' usado e banquetes. E' a
unica depositaria da alfamaica depositaria da alf-
mada Guarana Espumamada Guarana Espumante
te e do excelente choro e do excelente
lato Laeta, fabricados enlato Laeta, fabricados
S. Paulo pelos Srs. Zos, Paulo pelo S. Paulo
nolla Loureiro & Cagnotta Loureiro & Cagnotta
J. Confeitaria Brasileira J. Confeitaria Brasileira*



Hist. Rev. Pelotas Número 29/2 p.1-178 jul. 2024

ISSN 2596-2876





**Obra publicada pela
Universidade Federal
de Pelotas**

Reitora

Isabela Fernandes Andrade

Vice-Reitora

Ursula Rosa da Silva

Chefe do Gabinete da Reitoria

Aline Ribeiro Paliga

Pró-Reitora de Ensino

Maria de Fátima Cossio

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Inovação

Flávio Fernando Demarco

Pró-Reitora de Extensão e Cultura

Eraldo dos Santos Pinheiro

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis

Rosane Maria dos Santos Brandão

Pró-Reitor Administrativo

Ricardo Hartlebem Peter

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento

Paulo Roberto Ferreira Júnior

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas

Taís Ulrich Fonseca

Editora e Gráfica Universitária - Conselho Editorial

Presidente do Conselho Editorial: Ana da Rosa Bandeira

Representantes das Ciências Agrárias: Victor Fernando Büttow Roll (TITULAR) e Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner

Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: Eder João Lenardão (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências Biológicas: Rosângela Ferreira Rodrigues (TITULAR) e Francieli Moro Stefanello

Representantes da Área das Engenharias: Reginaldo da Nóbrega Tavares (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências da Saúde: Fernanda Capella Rugno (TITULAR) e Anelise Levay Murari

Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas: Daniel Lena Marchiori Neto (TITULAR), Eduardo Grala da Cunha e Maria da Graças Pinto de Britto

Representante da Área das Ciências Humanas: Charles Pereira Pennaforte (TITULAR), Lucia Maria Vaz Peres e Pedro Gilberto da Silva Leite Junior

Representantes da Área das Linguagens e Artes: Lúcia Bergamaschi Costa Weymar (TITULAR), Chris de Azevedo Ramil e João Fernando Igansi Nunes

Instituto de Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

Vice-Diretora: Profa. Dra. Andréa Lacerda Bachettini

Núcleo de Documentação História da UFPel – Profa. Beatriz Loner

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

Prof. Dra. Márcia Janet Espig

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

História em Revista – Publicação do Núcleo de Documentação
Histórica – Prof^{fa}. Beatriz Loner

Comissão Editorial:

Prof^a Dra. Lorena Almeida Gill
Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes
Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck
Profa. Dra. Márcia Janete Espig
Prof. Dr. Jornas Vargas
Paulo Luiz Crizel Koschier

Conselho Editorial:

Profa. Dra. Alexandrine de La Taille-Trétinville U,
Universidad de los Andes, Santiago, Chile
Profa. Dra. Ana Carolina Carvalho Viotti (UNESP - Marília)
Profa. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS)
Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos (UFPA)
Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha (UNICAMP)
Prof. Dr. Deivy Ferreira Carneiro (UFU)
Profa. Dra. Gisele Porto Sanglard (FIOCRUZ)
Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu (Universidade Federal de
Uberlândia)
Profa. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Profa. Dra. Joana Maria Pedro (UFSC)
Profa. Dra. Joana Balsa de Pinho, Universidade de Lisboa
Profa. Dra. Karina Ines Ramacciotti,
(UBA/CONICET/Universidad de Quilmes)
Profa. Ms. Larissa Patron Chaves (UFPEL)
Profa. Dra. Maria Antónia Lopes (Universidade de Coimbra)
Prof^a. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Profa. Dra. Maria de Deus Beites Manso (Universidade de
Évora)
Profa. Dra. Maria Marta Lobo de Araújo (Universidade do
Minho)
Profa. Dra. María Silvia Di Liscia (Universidad Nacional de
La Pampa – AR)
Profa. Dra. Maria Soledad Zárate (Universidad Alberto
Hurtado – Chile)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos
Aires).
Prof. Dr. Robson Laverdi (UEPG)
Prof^a. Dra. Tânia Salgado Pimenta (FIOCRUZ)
Prof^a. Dra. Tatiana Silva de Lima (UFPE)
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)
Prof. Dr. Tiago Luis Gil (UNB)
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)
Profa. Dra. Yonissa Marmitt Wadi (UNIOESTE)

Editora: Lorena Almeida Gill

Editores do Volume: Eliane Cristina Deckmann Fleck – UFPel
Joana Balsa de Pinho – Universidade de Lisboa

Edição e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Imagem da capa: Prédio da Faculdade de Medicina da UFPel
desde a fundação do curso. Acervo UFPel.

Pareceristas ad hoc: Ana Paula Korndorfer (UNISINOS) |
Angela Beatriz Pomatti (MUHM) | Beatriz T. Weber (UFSM)
| Daiane Rossi (Universidade Franciscana - UFN) | Daniel
Oliveira (UNISINOS) | Everton Quevedo (CENTRO
UNIVERSITÁRIO CESUCA/ CENTRO DE
DOCUMENTAÇÃO CASA DA MEMÓRIA UNIMED
FEDERAÇÃO/RS) | Gisele Sanglard (FIOCRUZ) | Gláucia
Linxinski de Lima (MUHM) | Jaqueline Hasan Brizola
(FIOCRUZ) | José Carlos Cardozo (FURG) | Luiz Otávio
Ferreira (FIOCRUZ) | Marta Lobo (Universidade do Minho
- UMINHO) | Renato da Gama-Rosa Costa (FIOCRUZ) |
Ricardo Batista (UNEB) | Véra Maciel Barroso (ARQUIVO
HISTÓRICO DA SANTA CASA DE PORTO ALEGRE) |
Yonissa Marmitt Wadi (UNIOESTE)

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |
Fone/fax: (53)3227 8411
e-mail: editora@ufpel.edu.br

Edição: 2024/2

ISSN – 2596-2876

Indexada pelas bases de dados: Worldcat Online Computer
Library Center | Latindex | Livre: Revistas de Livre Acesso
| International Standard Serial Number | Worldcat |
Wizdom.ai | Zeitschriften Datenbank

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-770
Fone: (53) 3284 3208 - <http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>
e-mail: historiaemrevista@ufpel.edu.br



Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
Simone Godinho Maisonave – CRB 10/1733
Biblioteca de Ciências Sociais – UFPel

H673 História em Revista [recurso eletrônico] : (Dossiê : Patrimônio Cultural da Saúde e da Assistência : reflexões sobre um campo multidisciplinar) / Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner, v.29, n.2, jul. 2024. – Pelotas: UFPel/NDH, 2024 –
178 p. ; 5,71 MB

Semestral

e-ISSN: 2596-2876

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index>

1. História – Periódico 2. Patrimônio 3. Saúde

CDD: 907

Os textos contidos neste volume são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores. Salvo informação explícita em contrário, o(a)(s) autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume. O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada artigo é de inteira e exclusiva responsabilidade dos mesmos.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO PRESENTATION <i>Eliane Cristina Deckmann Fleck</i> <i>Joana Balsa de Pinho</i>	07
RECONHECENDO UM PATRIMÔNIO CULTURAL DA SAÚDE: O CASARÃO DO LAZARETO EM NOVA FRIBURGO/RJ RECOGNIZING A CULTURAL HERITAGE OF HEALTH: THE CASARÃO DO LAZARETO IN NOVA FRIBURGO/RJ. <i>Anne Thereza de Almeida Proença</i>	11
ENTRE MODERNISMO E MODERNIDADE: A ESCOLA DE ENFERMAGEM DE SÃO PAULO BETWEEN MODERNISM AND MODERNITY: THE SCHOOL OF NURSING OF SÃO PAULO <i>Paulo Fernando de Souza Campos</i>	28
CONSTRUÇÕES “MODELO” PARA A SAÚDE DURANTE O ESTADO NOVO NO RIO GRANDE DO SUL “MODEL” HEALTHCARE BUILDINGS DURING THE ESTADO NOVO IN RIO GRANDE DO SUL <i>Cristiano Enrique de Brum</i>	51
ARQUITETURA DA SAÚDE NO TERRITÓRIO FEDERAL DO AMAPÁ ENTRE OS ANOS DE 1940 E 1950 HEALTH ARCHITECTURE IN THE FEDERAL TERRITORY OF AMAPA BETWEEN THE 1940 ^s AND 1950 ^s <i>Dinah Reiko Tutyia</i> <i>Carina Regina Quaresma</i>	71

HOSPITAL SÃO FRANCISCO DE ASSIS COMO PATRIMÔNIO DA SAÚDE. UM LEGADO DE FREI ALBERTO BERETTA EM GRAJAÚ, ESTADO DO MARANHÃO.

HOSPITAL SÃO FRANCISCO DE ASSIS AS HEALTHCARE HERITAGE. A LEGACY OF FREI ALBERTO BERETTA IN GRAJAÚ, STATE OF MARANHÃO.

Paula Regina Pereira dos Santos Marques Dias 96

O TEMPO SUSPENSO. DOS RITUAIS HISTÓRICOS DO TERMALISMO AO PATRIMÓNIO ASSOCIADO EM PORTUGAL

THE SUSPENDED TIME. FROM THE HISTORICAL RITUALS OF THERMALISM TO THE ASSOCIATED HERITAGE IN PORTUGAL

Jorge Mangorrinha 118

UM OLHAR HUMANISTA SOBRE A FORMAÇÃO MÉDICA E A LEITURA DO LIVRO “UMA CASA CHAMADA LEIGA”

A HUMANISTIC LOOK AT MEDICAL TRAINING AND READING THE BOOK “A HOUSE CALLED LAYMAN”

Paulo Koschier 139

A TRAJETÓRIA DE EDSON TADEU HOLTHAUSEN NA INSTITUIÇÃO PRÓ-ENSINO SUPERIOR NO SUL DO ESTADO (IPESSE) E NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL)

THE TRAJECTORY OF EDSON TADEU HOLTHAUSEN AT THE PRO-HIGHER EDUCATION INSTITUTION IN THE SOUTH OF THE STATE (IPESSE) AND AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF PELOTAS (UFPEL)

Lorena Almeida Gill
Elisiane Medeiros Chaves 145

ARQUITETURA DA SAÚDE NO TERRITÓRIO FEDERAL DO AMAPÁ ENTRE OS ANOS DE 1940 E 1950

HEALTH ARCHITECTURE IN THE FEDERAL TERRITORY OF AMAPA BETWEEN THE 1940^s AND 1950^s

Dinah Reiko Tutyia¹
Carina Regina Quaresma²

Resumo: Este trabalho visa apresentar alguns equipamentos de saúde instalados no período de implantação do Território Federal do Amapá (TFA) entre as décadas de 1940 e 1950, objetivando a caracterização arquitetônica e a linguagem adotada para esse uso no primeiro governo territorial do estado. Esta pesquisa enfoca modelos catalogados no documento “Relatório das atividades do governo do Território Federal do Amapá”, publicado em 1946 e elaborado pelo primeiro governador do território, Janary Gentil Nunes, o qual apresenta a descrição do cenário do Território. Este artigo utiliza a documentação oficial do governo, artigos de jornais da primeira metade do século XX e a revisão bibliográfica sobre o tema. A análise dessas fontes está ancorada na reflexão de Le Goff sobre documento/monumento, assim como no entendimento do TFA como um dispositivo (FOUCAULT, 1979). o conjunto documental demonstrou o esforço empreendido pelo poder público na construção de uma imagem de modernidade para o TFA, o que no âmbito da Arquitetura da Saúde culmina com a construção do Hospital de Macapá, com a complexidade de programa e com a monumentalidade arquitetônica, marca do governo Janary Nunes.

Palavras-chave: Arquitetura territorial do Amapá. Modelos hospitalares na Amazônia. Arquitetura histórica hospitalar no Amapá.

Abstract: This article aims to present some of the health centers installed during the establishment of the Federal Territory of Amapá (TFA) between the 1940s and 1950s, with a view to architectural characterization and the language adopted for this use in the state's first Territorial Government. The research focuses on models found in the document “Relatório das atividades do Governo do Território Federal do Amapá” (Report on the activities of the Government of the Federal Territory of Amapá), published in 1946 by the Territory's first governor, Janary Gentil Nunes, which describes the territory's landscape. The work uses official government documentation, newspaper articles from the first half of the 20th century and a bibliographical review on the subject. The analysis of these sources is based on Le Goff's reflection on documents/monuments, as well as on the understanding of the TFA as a device (FOUCAULT, 1979). The set of documents showed the efforts made by the government to construct an image of modernity for the TFA, which in the field of health architecture culminated in the construction of the Macapá Hospital, with its complex program and architectural monumentality, a landmark of the Janary Nunes government.

Keywords: Territorial architecture of Amapá. Hospital models in the Amazon. Historical Hospital Architecture in Amapá.

A implantação do Território Federal do Amapá: breve contexto

O ano de 1943 trouxe o desmembramento dos estados do Amazonas, do Mato Grosso, do Paraná/Santa Catarina e do Pará, a partir do Decreto-Lei nº 5.812, criando, respectivamente, os Territórios Federais do Rio Branco do Guaporé, de Ponta-Porã, do Iguaçú e do Amapá. Esse último, desmembrado do Pará, teve sua divisão em três municípios:

¹ CAU/UNIFAP. Líder do Grupo de Pesquisa “História da Arquitetura da Amazônia”, dinahtutyia@unifap.br.

² CAU/UNIFAP, bolsista de Iniciação Científica PROBIC/UNIFAP, carinaqq20@gmail.com.

Amapá, Macapá e Mazagão (BRASIL, 1943). A capital foi instalada na cidade do Amapá como previa o Decreto Lei nº 5.839/43, Macapá passou a ser sede do novo governo somente em 1944, quando Janary Gentil Nunes, um oficial do Exército, tomou posse como governador e transferiu a capital por causa das dificuldades de vias fluviais para a cidade do Amapá.

Segundo Lobato (2014), a instauração desse governo deu-se aos moldes do discurso do Estado Novo, mas que vinha sendo construído desde o Governo Provisório: um Estado nacional, centralizador e intervencionista. De acordo com o autor, as décadas de 1930 e 1940 trouxeram um otimismo na política desenvolvimentista, que tinha dentre os seus pilares a intervenção do Estado na Educação e na Medicina social. O Pará, o Amazonas, o Mato Grosso e Goiás eram vistos como vazios demográficos, atrasados economicamente, visão de parte da intelectualidade que discutia sobre o pós-Revolução de 30, naquela primeira metade do século XX.

A partir dos anos 1930, segundo Tutyia (2023), houve uma política federal de modernização do Pará, por meio de medidas superficiais que não atendiam à demanda efetiva do espaço urbano paraense, concentrando-se apenas em áreas centrais de Belém e que também não se prolongavam ao Amapá. Chaves (2016) afirma que a Amazônia voltou a ser pauta do governo federal em 1937 com o Estado Novo (1937-1945), no qual se buscou uma política econômica de integração e ocupação das regiões da federação ancorada em um projeto ideológico que visava a “construção da Amazônia” (CHAVES, 2016). Segundo o autor, os Acordos de Washington e o investimento federal transmitiam a possibilidade de um novo crescimento econômico (CHAVES, 2016).

Segundo Fausto (2015), a versão que o Estado Novo tentava construir da História naquele contexto colocava em oposição um Brasil velho, dominado pelas oligarquias, a um Brasil novo, nascido da Revolução de 1930, o qual buscava a integração nacional e era responsável pela entrada do país aos tempos modernos. Esse ponto explica os novos caminhos tomados para a construção da imagem desse Estado autoritário e modernizante.

A Amazônia esteve em foco nessas narrativas, e elas foram utilizadas como justificativa para a ação intervencionista do Estado, por exemplo, com a posse de Janary Nunes em 1944, um discurso de progresso e modernização do TFA esteve presente ao longo de sua permanência no governo, como observado no “Relatório das atividades do Governo do Território Federal do Amapá em 1944”, no qual é passada a narrativa de construção de uma “nova era” para o Amapá, que estava embasada na desqualificação e desconsideração de uma cultura preexistente à implantação do Território Federal.

Esse fato é destacado por Lobato (2009), ao estudar a política de educação no Amapá entre os anos de 1944 a 1956, como também em seu texto “Federalização da fronteira: a criação e o primeiro governo do Amapá (1930-1956)”, pois “[...] ocorria a tentativa de estabelecimento de uma narrativa histórica para os amapaenses, na qual a posse de Janary simbolizava o fim de um período de pessimismo, abandono, caos, atraso, doenças, analfabetismo, superstição, pobreza e invisibilidade [...]” (LOBATO, 2014, p. 289).

Tutya (2023) destaca que o pensamento modernizador do espaço urbano e das edificações estava na pauta dos anos 1930 e 1940 na Região Norte, por exemplo, com a renovação de Belém nas primeiras décadas do século passado, e assim a transformação da cidade pós-eclética delineou-se oficialmente com algumas normativas, como o “Código da Administração Municipal”, de 1934; da Comissão Reformadora dos Negócios Municipais, que implicava em transformações modernizadoras de edificações e dos espaços dos municípios. Com a substituição da intendência de Magalhães Barata por José Carneiro da Gama Malcher, atuando entre 1935 a 1943, há uma intensificação do discurso modernizador que partia do governo federal e plasmava na área central da capital paraense com as devidas limitações de recursos para obras estruturais (CHAVES, 2008).

O desenvolvimento da sociedade com base na modernização e no progresso estadonovista tomava forma em diferentes escalas das diferentes cidades na região Norte do país, Silva (2008), ao estudar a presença do pensamento eugênico nas intervenções urbanas e arquitetônicas das cidades brasileiras ao longo das primeiras décadas do século XX, ressalta a relação entre o Higienismo, o Sanitarismo e o Eugenismo, quando a ordenação urbana atuava como forma de combate ao que se denominava por “detritos da civilização” (SILVA, 2004), ou seja: a loucura, a criminalidade e as doenças despontavam nos grandes aglomerados urbanos e conduziam à necessidade da criação de edificações para as resoluções de problemas sociais específicos. Somam-se a esses modelos de intervenção nas cidades, a construção da narrativa de que o trabalho era a força motriz para a dignidade, o desenvolvimento econômico do homem e do país, tendo sido criadas nesse momento as políticas trabalhistas, sindicais e previdenciárias.

O trabalho, a saúde, a higiene e a educação eram conduzidos em programas sociais e recaíam na construção física e moral do brasileiro (SILVA, 2018), e segundo o discurso do governo varguista, refletiria no progresso da nação. As escalas dessas intervenções adaptavam-se às demandas nas cidades. Em Macapá, o modo de vida da população que preexistia antes desse modelo fora constantemente menosprezado e criticado por membros do “projeto civilizatório” de implantação do governo na década de 1940 (LOBATO, 2014). Segundo Silva (2018):

[...] os programas de saneamento influenciaram diretamente nas políticas sociais do governo, pois os ideais sanitaristas coincidiam com os ideais de Vargas. Os sanitaristas apontavam o brasileiro como um povo doente e analfabeto, e somente através da saúde e da educação, o país conseguiria livrar-se do seu atraso social. (SILVA, 2018, p. 204).

O discurso da “nova era” propagado nos meios de comunicação daquele período não ficou restrito ao Amapá, mas também esteve nas páginas do jornal paraense “A Província do Pará”, como também no “Jornal do Commercio” na capital federal da época, o Rio de Janeiro, ao longo das décadas de 1940 e 1950, como destacado a seguir. As propagandas do governo eram marcadas pelo contraste entre o período “pré-janarista” e “pós-janarista”, na

dicotomia retrocesso x progresso, e dentro desse contexto uma série de imagens e notas do Território Federal do Amapá figuravam nas páginas impressas e auxiliavam na construção e consolidação do discurso estadonovista de modernização e progresso.

O "Jornal do Commercio" também trazia esse olhar, como se pode observar em dois breves exemplos: em fevereiro de 1948, em pequena nota sobre as notícias dos estados brasileiros, há uma relativa ao Amapá com uma fala do governador Janary Nunes e o seguinte texto:

[...] O Amapá era considerado o pior dos Territórios. O mais doentio, o mais difícil de recuperar, o mais pobre. Pesava sobre o seu nome um conceito unânime: o da insalubridade. O Amapá de 1948 mudou sua fisionomia. Os principais núcleos de populações já estão saneados [...] Transformou-se numa região que se reputa possuir condições próprias para se constituir motivo de orgulho da Amazônia e do Brasil [...] ³ (AMAPÁ..., 1948, p. 2).

O "retrocesso" do passado e as "glórias" do presente também estiveram presentes no artigo "Viagem ao Amapá", da escritora Dinah Silveira de Queiroz, de 1948, publicado originalmente no "Jornal do Commercio" em 1º de fevereiro e posteriormente em "A Província do Pará", em 12 de fevereiro do mesmo ano. A cronista relatou que após a publicação do artigo "Tragédia no Amapá", o deputado federal do Amapá Coaracy Nunes havia enviado para ela jornais publicados no "jovem" território, assim como livros sobre a região para que a jornalista conhecesse as mudanças pelas quais o Amapá passava.

[...] com uma dedicação enorme pela terra que representa, numa recente noite calorosa, estive em minha casa o deputado com seu cinema. E em minha sala viajei calmamente, comodamente, para as setentrionais regiões brasileiras [...]. Conheci o recente passado do Amapá: escolas caindo aos pedaços, onde as crianças se sentavam no chão batido, no meio da miséria mais miserável. Casas arruinadas, população sem higiene, infância sem assistência. Vi o presente - ao que se chegou em três anos de trabalho. O grande edifício do Grupo Escolar, com capacidade para quatrocentos alunos em cada turno. Os postos de assistência à infância, as novas casas, bonitas casinhas de madeira, de tipo americano, o tratamento das febres, o novo e confortável hotel Macapá (QUEIROZ, 1948, p. 3).

Nota-se no excerto que a fala da escritora traz uma visão dicotômica do passado decadente e o surgimento de um "novo" Amapá, assim como o empenho daqueles que estavam a serviço da consolidação do Território Federal do Amapá, como o deputado Coaracy Nunes, irmão de Janary Nunes, para contornarem qualquer crítica ao Amapá e introjetar uma nova visão sobre aquele Território. Os jornais demonstraram uma narrativa factual, um teatro de aparências que forjava a visão dos novos rumos que o recém-criado Território Federal do Amapá tomava. Segundo Le Goff (1990), a História política está

³ Este trabalho utiliza a grafia original das fontes transcritas.

disposta em narrativa “que mascara o verdadeiro jogo da história, que se desenrola nos bastidores e nas estruturas ocultas em que é preciso ir detectá-lo, analisá-lo, explicá-lo” (LE GOFF, 1990, p. 35). Alguns pesquisadores como Luna (2020), Lobato (2009) e Silva (2022) demonstram em seus trabalhos uma perspectiva distinta da propagada pelos “agentes” territoriais.

As reflexões sobre Análise do Discurso de Foucault (1979) servem para considerar o TFA como um dispositivo de poder, sendo que dispositivo pode ser um “conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas” (FOUCAULT, 1979, p. 244). Segundo Foucault (1979), em cada momento histórico, grupos sociais apresentam seus discursos, os quais produzem as verdades daquele período, tais discursos se envolvem, conectam-se em uma rede de signos e de outros discursos que contribuem para validar a sua verdade, dessa forma, ao se voltar para os aspectos descritos sobre o TFA, observa-se como o quadro de funcionários, os artigos de jornais de divulgação do governo territorial, relatórios de governo, a arquitetura e outros agentes operacionalizavam e se articulavam para garantir esse dispositivo como propulsor de um “novo” Amapá.

Esse dispositivo territorial, por sua vez, também trabalhava para assegurar a centralização, a marca do governo varguista, na década de 1940, apresentando os dispositivos de poder e saber responsáveis pela disseminação e consolidação do projeto ideológico do Estado, por exemplo, o Ministério da Educação e Saúde e outros órgãos estatais. A versão que o Estado Novo tentava construir da História naquele contexto colocava em oposição um Brasil velho, dominado pelas oligarquias; a um Brasil novo, nascido da Revolução de 1930, o qual buscava a integração nacional e era responsável pela entrada do país aos tempos modernos. Esse ponto explica os novos caminhos tomados para a construção da imagem desse Estado autoritário e modernizante, no qual Janary Nunes se espelhava e tentava replicar no Amapá.

Assim, ao analisar um recorte da Macapá que surgiu na década de 40 e 50 do século passado, enfocando nos objetos que compõem/compuseram os documentos de uma época, um conjunto arquitetônico projetado para atender e consolidar a implantação do Território Federal do Amapá percebe-se que são arquiteturas edificadas para marcar a imagem de progresso pela utilização de novos materiais, pela tecnologia construtiva, pela estética, pela relação da Arquitetura com o lote, pelo estilo arquitetônico, enfim, por um conjunto de características adotadas que compuseram o padrão edilício do TFA de suas décadas iniciais.

Parte das fontes desta pesquisa recai em relatório de governo e propaganda governista nos jornais da época, um conjunto documental da História Tradicional que dão ênfase aos grandes feitos de grandes homens, com uma visão centrada em sujeitos líderes e na elite, um modelo de História objetiva, na qual os fatos são apresentados “como eles realmente aconteceram” (BURKE, 1992, p.14), algo irreal, segundo o mesmo autor. Nesse sentido, a objetividade da ação de olhar para o passado é feita de um ponto de vista particular:

“[...] nossas mentes não refletem diretamente a realidade. Só percebemos o mundo através de uma estrutura de convenções, esquemas e estereótipos, um entrelaçamento que varia de uma cultura para outra” (BURKE, 1992, p.15).

Assim, este trabalho visa ampliar o olhar sobre o conjunto constituinte de um projeto político pautado na construção de uma “nova era” e na desconfiguração de estruturas preexistentes. A pesquisa enfoca o equipamento da saúde, objetivando a caracterização arquitetônica e a linguagem adotada no primeiro governo territorial no Estado⁴.

A arquitetura da saúde no Território Federal do Amapá entre as décadas de 1940 e 1950

O campo da História da Arquitetura amapaense vem sendo construído com as pesquisas e disciplinas que abordam a temática das edificações históricas no âmbito acadêmico do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), mas é uma produção ainda pequena diante do acervo documental que necessita ser investigado a partir da perspectiva histórica em seus múltiplos aspectos.

Quando o campo se volta para o estudo das edificações históricas da saúde há uma lacuna nessa produção, dessa forma, ressalta-se a relevância desta pesquisa – em desenvolvimento – que visa mapear esses equipamentos para compreender aspectos históricos e arquitetônicos, como linguagem e programa arquitetônicos utilizados dentro do recorte de tempo das décadas de 1940 a 1950, objetivando também fazer conexões desses modelos de Arquitetura da saúde àqueles que vinham sendo implantados nas demais regiões do Brasil no mesmo período.

Segundo Amora e Costa (2019), a Arquitetura da Saúde no Brasil na primeira metade do século XX teve um aspecto importante para a mudança da concepção desses espaços, que foi a troca de conhecimento entre médicos e arquitetos, como também a sua profissionalização. Os resultados foram evidentes no processo de modernização do país que passou a ter tais equipamentos projetados por profissionais especializados na área. A rede de saúde pública foi amparada por tais projetos em virtude das políticas públicas, que no período varguista ocasionaram a criação do Ministério da Educação, Saúde e Assistência Pública, incrementando as edificações projetadas para este fim (AMORA; COSTA, 2019). Fonseca (2007) afirma que as políticas sociais por meio do sistema nacional de saúde pública foram fundamentais para levar o poder público em todo território nacional, mantendo a unidade territorial. Com a instauração do Estado Novo e a reforma implementada na área da saúde por Gustavo Capanema houve a criação de instituições e departamentos atrelados aos serviços de saúde e alguns estados estabeleceram as unidades e extensão de serviços de assistência médico-social (BRUM, 2013), como é o caso do Território Federal do Amapá.

A salubridade e a necessidade da consolidação da política de saúde pública é uma constante no relatório das atividades do governo do Território Federal do Amapá entre os

⁴ É importante pontuar que este trabalho faz parte dos resultados iniciais de uma pesquisa que realiza o inventário da arquitetura histórica da saúde no Amapá.

anos 1943-44, no qual Nunes (1946), em suas primeiras impressões sobre o novo Território, relata:

[...] as casas de residência são miseráveis. No interior é hábito o quarto em comum, vivendo em promiscuidade sexual pais e filhos. Não há privacidade. Do alto rio Vila Nova até o igarapé do Lago, anotando mais de 60 barracas, conseguimos contra 6 privadas. E estas consistem no clássico buraco tendo um caixão de madeira ou duas tábuas na boca. Em Macapá, capital do território, nenhuma casa possuía instalações sanitárias higiênicas, dispoendo de fossa biológica, conforme recenseamento procedido. Com exceção das construções dos norte-americanos, da Panair, do Exército Brasileiro e de uma casa particular no Oiapoque, nenhuma residência do Território poderia ser escolhida para habitação de famílias acostumada a relativo conforto (NUNES, 1946, p. 5).

O excerto traz alguns aspectos da paisagem do Amapá que eram comumente utilizados como exemplos de um passado atrasado e insalubre, os quais foram "sanados" ao longo dos primeiros anos de governo de Janary Nunes pela consolidação de modelos arquitetônicos que caracterizaram essa interventoria. Pode-se destacar, por exemplo, as residências construídas para aqueles que vieram trabalhar no TFA, uma vez que, segundo o relatório, em Macapá não havia habitação para acolher os que estavam acostumados a relativo conforto, criando-se então um conjunto "habitável" aos servidores, assim como para o próprio governador. As novas arquiteturas não ficaram restritas ao uso habitacional, mas se estenderam aos equipamentos escolares, de saúde e de serviços.

No caso do TFA, a consolidação da infraestrutura inicial do governo foi adequada aos remanescentes do traçado urbano pombalino, o espaço da cidade que contemplava o rio Amazonas abriu a guarda para o surgimento do Território. O novo padrão "de progresso", sob o discurso sanitaria e higienista, consolidou os equipamentos públicos⁵, dentre esses uma rede de assistência à saúde que fornecia alguns serviços à população amapaense: postos de saúde, o hospital geral, o posto de puericultura etc.

O conjunto arquitetônico plasmado no Estado pelo governo de Janary Nunes trazia predominantemente como referência estética, o neocolonial, que naquele contexto era denominado pelo governante por "o estilo colonial" (NUNES, 1946, p. 99). Os arcos, os pátios e a cobertura em telha Marselha, a aeração dos espaços arquitetônicos – premissa do Higienismo – caracterizam a arquitetura desse novo governo, como na Escola Industrial (Figura 1), um dos equipamentos escolares construídos na década de 1940 no período de implantação do TFA, observa-se, conforme a imagem abaixo, que em sua fachada houve a adoção da linguagem neocolonial, com a portada principal marcada pelo corpo central com ornamento neocolonial, jogo de volumes na cobertura e o conjunto de arcos delimitando o pátio frontal.

⁵ Luna (2017) aponta o processo de gentrificação que ocorreu com a implantação do TFA na área central da cidade, a população afroamapaense que ali habitava fora remanejada para outros espaços com infraestrutura precária.

Figura 1: Fachada da Escola Industrial

Fonte: IBGE, [s.d.]⁶

A adoção do partido arquitetônico marcado pelo pátio estabelece uma nova relação com o espaço público com a presença de afastamentos frontais, a limitação entre o espaço público e o espaço mais intimista das edificações. Alguns pátios eram demarcados com o vão em arco solitário ou as arcadas, em suas diversas formas, como os de volta perfeita, os em ogiva, os aviajados, dentre outros.

Além dessa delimitação, esses elementos permitiam a ventilação de determinados ambientes da planta baixa, assim como amenizar a insolação direta nas fachadas de prédios públicos ou cômodos das habitações. Essa linguagem arquitetônica foi adotada nos postos de saúde, que tinham dois modelos arquitetônicos a serem seguidos, segundo o Relatório de Intendência dos anos 1943 e 1944 (NUNES, 1946). O Hospital de Macapá, por sua vez, distancia-se desse modelo, sendo adotado uma linguagem mais racionalista e monumental.

Os modelos dos equipamentos de saúde implantados no TFA: o Hospital de Macapá e o Posto de Saúde de Mazagão

Janary Nunes implementou equipamentos de saúde que seguiram o estilo arquitetônico baseado no discurso progressista de modernidade e higienista tendo em vista o cenário de epidemias de malária e verminose no estado, como observado no excerto do Relatório dos anos de 1943 e 1944:

⁶ <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=440431&view=detalhes>.

A quase totalidade da população sofre de endemias tropicais, principalmente malária e verminose. O serviço Especial de Saúde Pública vem trabalhando ativamente, porém sua ação só se faz sentir com relativa eficiência nas sedes dos municípios. Só existe um médico para todo o Território. Regiões há onde o impaludismo impera de modo absoluto. A cidade de Mazagão e a vila de Mazagão Velho, que foram prósperas no passado, apresentam aspecto desolador: toda a população doente [...]. (NUNES, 1946, p.6).

O discurso de amparo e as medidas para amenizar a situação de surto sanitário foram colocadas em prática a partir da implantação dos novos equipamentos, o Hospital de Macapá e os postos médicos nos municípios do estado, sendo a principal edificação construída o Hospital de Macapá, um dos primeiros prédios construídos no governo de Janary Nunes e que foi inicialmente nomeado como Unidade Sanitária Mista de Macapá, sendo que a indicação de autoria do projeto é do arquiteto Antônio Pinto dos Santos⁷. Essa edificação foi iniciada em 1945 e inaugurada em 25 de janeiro de 1949, data de comemoração da instalação do Governo Territorial do Amapá. No ano de 2003, seu nome foi alterado e atualmente é denominado como Hospital de Clínicas Alberto Lima em homenagem ao médico amapaense Alberto da Silva Lima.

O Relatório de Governo de 1944 de Janary Nunes traz a seguinte descrição do edifício “[...] um belo edifício de 3 (três) pavimentos e 3.456m² de área, dispondo dos mais modernos requisitos da técnica hospitalar, com capacidade inicial para 50 leitos, poderá ser ampliado para 100 leitos, quando se tornar imprescindível” (NUNES, 1946, p.78). Era composto por um bloco principal com duas alas laterais, sendo o bloco principal com a centralidade destacada pelo corpo central, sobressaindo-se três pavimentos, além da cobertura em telha Marselha. Dentre suas características originais, uma arquitetura de vertente mais racionalista, proto-moderna com predomínio de linhas retas e a presença de simetria.

A marcação do corpo central da edificação é destacado das alas laterais, a composição não apresenta muitas ornamentações em sua fachada (Figura 2), essa arquitetura remete ao modelo da edificação ligada à saúde, o Pavilhão Rockefeller, em Manguinhos, Rio de Janeiro (Figura 3), construído entre 1935 e 1937 para abrigar o laboratório e a seção de pesquisa sobre vacinas de febre amarela do então Instituto Oswaldo Cruz. Zouain (2017) caracteriza esta edificação como proto-modernista pela racionalidade e a tentativa de rompimento com as formas tradicionais da linguagem eclética, nota-se uma arquitetura de

⁷ O relatório de governo que trata dos anos iniciais de implantação e atuação de Janary Nunes indica o nome de Antônio Pinto dos Santos (NUNES, 1946) como arquiteto projetista do Hospital de Macapá. Mas há divulgação em *blogs* que tratam da história do cotidiano do estado do Amapá, a afirmação de que o projeto do Hospital é de autoria do engenheiro-escultor de origem portuguesa Antônio Pereira da Costa. Esse dado controverso consta referenciado no site do IBGE, porém o Relatório de Atividades de Governo, publicado em 1946, indica a autoria de Antônio Pinto dos Santos. Para maiores informações ver Nunes (1946) e <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=440432>.

vertente mais racionalista pelo predomínio de linhas retas e simetria e sem a presença de muitas ornamentações em sua fachada.

Figura 2: Hospital de Macapá, um dos primeiros prédios construídos no governo de Janary Nunes



Fonte: IBGE, [s.d.]⁸

⁸ Fonte: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=440434>.

Figura 3: Pavilhão da Febre Amarela, em Manguinhos, Rio de Janeiro*Pavilhão de Febre Amarela*

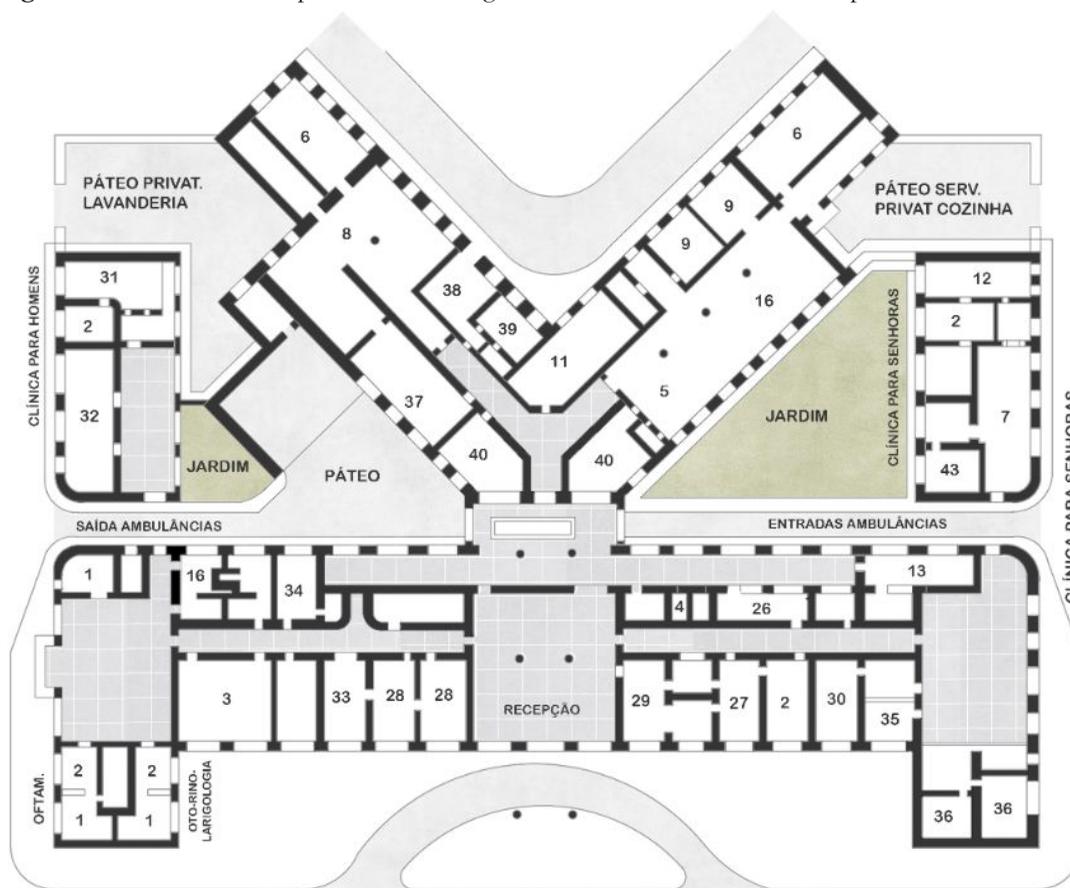
Fonte: Instituto Oswaldo Cruz, [1960-1970], s.p.

Observa-se no modelo a racionalidade do projeto, assim como o domínio tecnológico que atribuiu um porte de destaque para a edificação, a partir da escala da cidade de Macapá naquele contexto. O Hospital de Macapá, como também era denominado por Janary Nunes, destacava-se na paisagem, pois a vista aérea demonstra a sua implantação e relevância na paisagem da cidade (Figura 4). Além da sua inclinação em relação ao Norte e em relação com a avenida de acesso principal, juntamente com a Maternidade Mãe Luzia em sua lateral.

Figura 4: Vista aérea do Hospital de Macapá

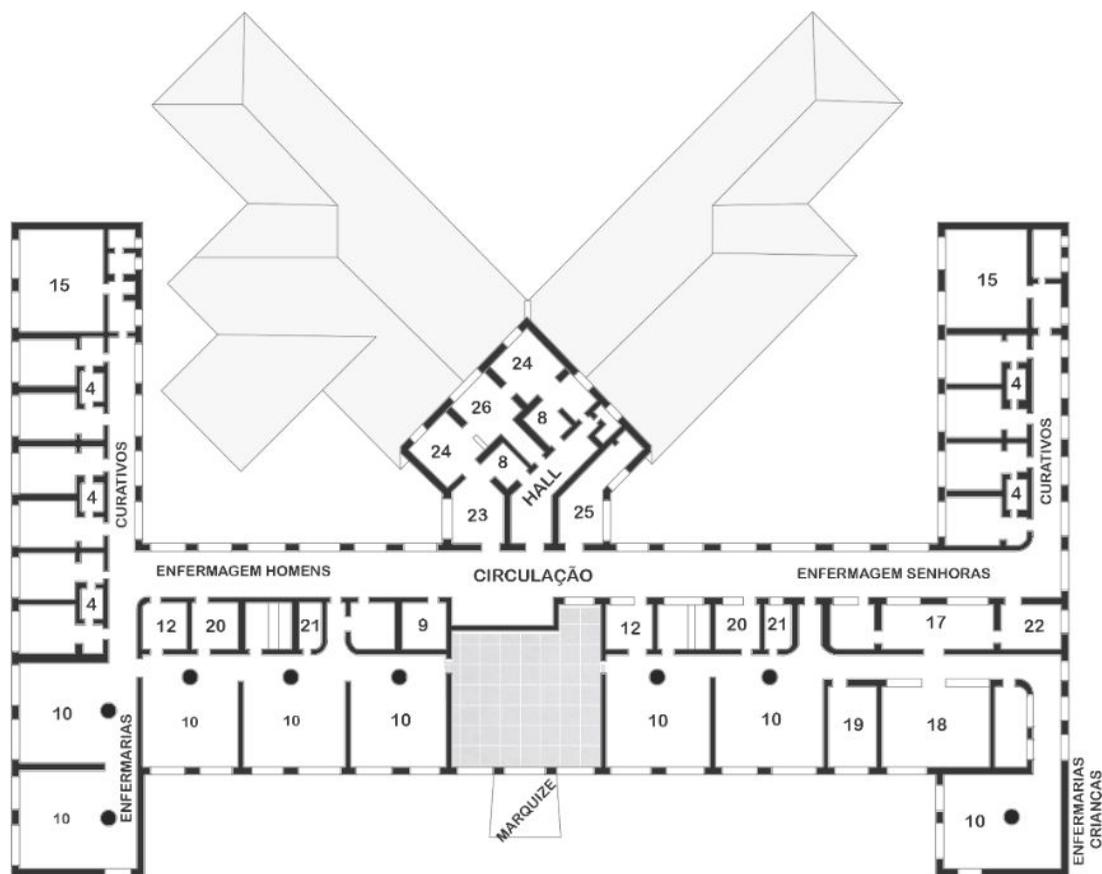
Fonte: Montoril,s/d.

A implantação da arquitetura no lote seguiu a orientação solar, apresentando uma inclinação em relação ao Norte, favorecendo a entrada da ventilação predominante a Leste que flui pelas aberturas do hospital. A entrada principal estava direcionada à avenida de principal acesso, a avenida FAB. Os quartos estão dispostos nas alas laterais e frontal do segundo pavimento, recebendo o sol da manhã e as janelas dos quartos estão voltadas para um jardim interno da construção. As plantas baixas dos pavimentos (Figura 5, 6 e 7) possuem zonas distintas com a divisão de pacientes, por sexo, assim como o corpo técnico do hospital, que são situados no bloco central da edificação, além de apresentar sala e área de saúde infantil, tais características dialogam com os princípios modernos de higiene hospitalar.

Figura 5: Planta baixa do 1º pavimento da antiga Unidade Sanitária Mista de Macapá**LEGENDA**

1 - ENFERMARIA	11 - ALMOXARIFADO	21 - R. COP.	31 - EXAME
2 - MÉDICOS	12 - CURATIVO	22 - NATI-MORTOS	32 - MÉDICO EXAM. UROLÓG.
3 - RADIOLOGIA	13 - SALA DAS MÃES	23 - PREP.	33 - FARMÁCIA
4 - BANHEIRO	14 - DORMITÓRIO	24 - OPERÁRIOS	34 - FISIOTERAPIA
5 - COPA	15 - ISOLAMENTO	25 - SERVIÇO	35 - DENTISTA
6 - ALOJAMENTO	16 - CLÍNICO GERAL	26 - ESTE.	36 - EDUCAÇÃO SAN.
7 - SALA DE ESTAR	17 - BERÇÁRIO	27 - DIRETORIA	37 - ROUP. GERAL
8 - LAVANDERIA	18 - ENFERM. MARTER.	28 - LABORATÓRIO	38 - NECROTÉRIO
9 - DEPÓSITO	19 - PARTOS	29 - SECRETARIA	39 - AUTÓPCIA
10 - 4 LEITOS	20 - COP DIET.	30 - PEDIATRIA	40 - ROUPEIROS

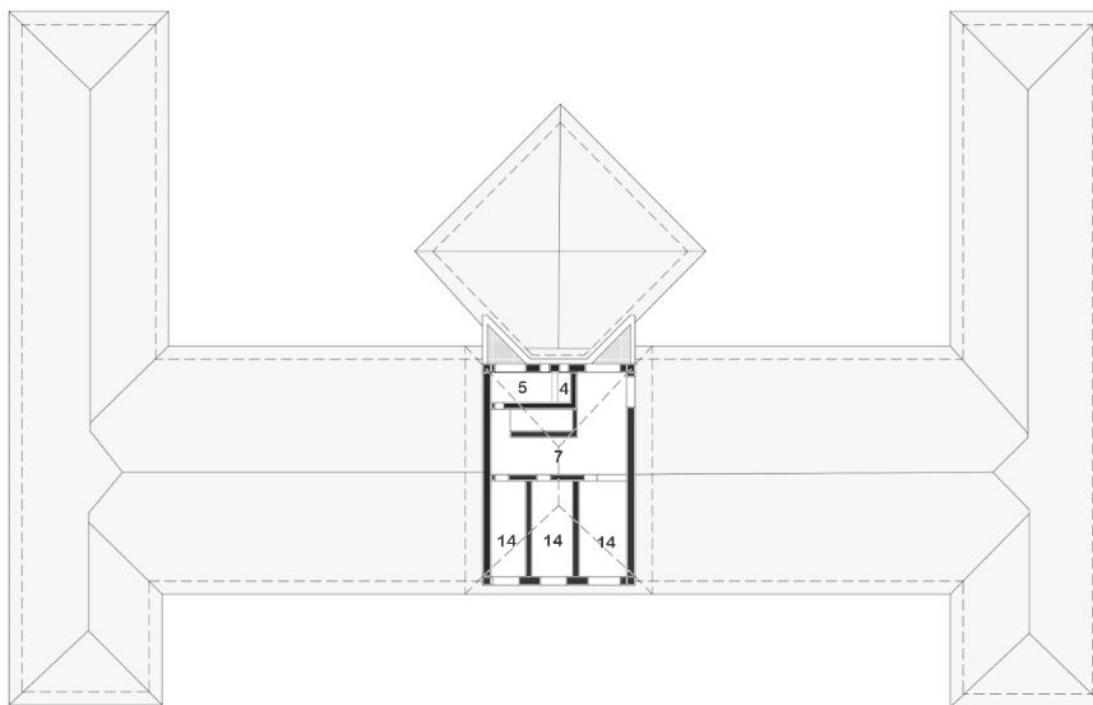
Fonte: Nunes, 1946, p.109 adaptado por Carina Regina Quaresma (2024).

Figura 6: Planta baixa do 2º pavimento da antiga Unidade Sanitária Mista de Macapá

LEGENDA

1 - ENFERMARIA	11 - ALMOXARIFADO	21 - R. COP.	31 - EXAME
2 - MÉDICOS	12 - CURATIVO	22 - NATI-MORTOS	32 - MÉDICO EXAM.UROLÓG.
3 - RADIOLOGIA	13 - SALA DAS MÃES	23 - PREP.	33 - FARMÁCIA
4 - BANHEIRO	14 - DORMITÓRIO	24 - OPERÁRIOS	34 - FISIOTERAPIA
5 - COPA	15 - ISOLAMENTO	25 - SERVIÇO	35 - DENTISTA
6 - ALOJAMENTO	16 - CLÍNICO GERAL	26 - ESTE.	36 - EDUCAÇÃO SAN.
7 - SALA DE ESTAR	17 - BERÇÁRIO	27 - DIRETORIA	37 - ROUP. GERAL
8 - LAVANDERIA	18 - ENFERM. MARTER.	28 - LABORATÓRIO	38 - NECROTÉRIO
9 - DEPÓSITO	19 - PARTOS	29 - SECRETARIA	39 - AUTÓPCIA
10 - 4 LEITOS	20 - COP DIET.	30 - PEDIATRIA	40 - ROUPEIROS

Fonte: Nunes, 1946, p. 110 adaptado por Carina Regina Quaresma (2024).

Figura 7: Planta baixa do 3º pavimento da antiga Unidade Sanitária Mista de Macapá**LEGENDA**

1 - ENFERMARIA	11 - ALMOXARIFADO	21 - R. COP.	31 - EXAME
2 - MÉDICOS	12 - CURATIVO	22 - NATI-MORTOS	32 - MÉDICO EXAM.UROLÓG.
3 - RADIOLOGIA	13 - SALA DAS MÃES	23 - PREP.	33 - FARMÁCIA
4 - BANHEIRO	14 - DORMITÓRIO	24 - OPERÁRIOS	34 - FISIOTERAPIA
5 - COPA	15 - ISOLAMENTO	25 - SERVIÇO	35 - DENTISTA
6 - ALOJAMENTO	16 - CLÍNICO GERAL	26 - ESTE.	36 - EDUCAÇÃO SAN.
7 - SALA DE ESTAR	17 - BERÇÁRIO	27 - DIRETORIA	37 - ROUP. GERAL
8 - LAVANDERIA	18 - ENFERM. MARTER.	28 - LABORATÓRIO	38 - NECROTÉRIO
9 - DEPÓSITO	19 - PARTOS	29 - SECRETARIA	39 - AUTÓPCIA
10 - 4 LEITOS	20 - COP DIET.	30 - PEDRIATRIA	40 - ROUPEIROS

Fonte: Nunes, 1946, p. 111 adaptado por Carina Regina Quaresma (2024).

A edificação, com sua monumentalidade (Figura 8), passou a simbolizar o poder e o progresso daquele governo, visto que a questão da saúde da população no Amapá sempre fora apontada pelo intendente como grave. O hospital torna-se um marco triunfal janarista, uma vez que a sua construção seria capaz de sanar com um dos grandes problemas apontados pelo governante: o desprovimento de assistência à saúde. Observar-se na propaganda governista no jornal "A Província do Pará":

[...]o grande Hospital de Macapá, obra das maiores ali levantadas e que constitui uma honra para a Amazônia e uma segurança para quantos necessitar desses serviços. Os limites estreitos de um simples noticiário não permitem descrever o que seja o Hospital de Macapá e o seu vasto plano de ação humanitária. (TERRITÓRIO..., 1948, p. 3).

Figura 8: Desenho da fachada do Hospital Geral, a prancha tem a assinatura de Antônio Pinto dos Santos



Fonte: Nunes, 1946, p.123.

Nesse mesmo excerto do jornal há o detalhamento da edificação, com seu aparato de inovação e um programa de necessidade projetual arquitetônico complexo, a exemplo de outros modelos de saúde implantados no período varguista, que a partir da década de 1930 por meio da Divisão e Organização Hospitalar, do Ministério da Educação e Saúde, vinha sistematizando diretrizes na área, como a concepção de modelos hospitalares (RIBEIRO, 2020).

Nos anos 1940, o modelo arquitetônico, segundo Oliveira (2017), teve uma concepção mais racionalista, com ausência de ornamentos e com formas geometrizadas, mas ainda presas aos padrões anteriores no que tange à tipologia, aos programas de necessidades e à implantação no contexto urbano. O autor complementa:

[...]do ponto de vista formal, essas edificações apresentam o mesmo partido arquitetônico, sendo compostas por três pavimentos dispostos em alas; são dotadas de rampas; têm estrutura independente e trechos em pilotis no térreo; e possuem fachadas sem ornamentos, pintadas apenas de branco. A organização em planta dessas edificações, no entanto, continua presa à tradição arquitetônica do ecletismo: corpo central de acesso ligeiramente destacado das alas; predominância horizontal; pátios ajardinados, esquadrias metálicas padronizadas. (OLIVEIRA, 2017, p. 109).

O Hospital de Macapá encontra-se inserido nesses modelos, com o programa de necessidades complexo e abarcando avanços na área da Arquitetura Hospitalar:

O Hospital de Macapá em fase de acabamento, de 3 pavimentos, com sistema completo de luz, água fria e quente e rede telefônica, museu, biblioteca, lavanderia a vapor, dois blocos cirúrgicos, instalação completa de raio X, gabinete dentário, enfermarias, etc. [...] A maternidade, em fase de construção, Edifício de 1 pavimento, estrutura de concreto armado com quartos e enfermarias, berçários, consultórios, biblioteca e bloco cirúrgico. [...] (TERRITÓRIO..., 1948, p. 3).

Nota-se que havia uma maternidade que compunha na lateral do hospital um conjunto arquitetônico de assistência à saúde, na figura 4 observa-se à direita do Hospital Geral essa maternidade pública, caracterizada por um pátio frontal com um conjunto de vãos e um frontão marcando a centralidade da edificação, além de uma cobertura em telhado aparente.

Figura 9: Situação atual do Hospital de Clínicas Alberto Lima (antigo Hospital de Macapá) apresentando sua fachada totalmente descaracterizada com a modificação da sua estrutura, materiais, esquadrias e cobertura



Foto: Carina Regina Quaresma, 2023

A imagem acima mostra a fisionomia atual da edificação, que se encontra descaracterizada externamente e internamente em quase sua totalidade, tal ação tem sido recorrente nas edificações do TFA em virtude das sucessivas reformas que atualizam as estruturas e modificam sua materialidade original, sobretudo os imóveis de assistência à saúde em uso que necessitam de adaptações devido às normativas e recomendações técnicas.

Nunes (1946) aponta outros modelos de Arquitetura da Saúde para o Território Federal do Amapá, mas até o momento desta pesquisa não foi identificada documentação com as autorias dos projetos arquitetônicos, porém, cabe salientar que fora da capital, havia exemplos com características do movimento neocolonial: os postos médicos localizados nos municípios do Amapá, Mazagão e Oiapoque, pois o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), criado pelo governo federal em 1942, fazia-se atuante no TFA, operando no âmbito das políticas públicas de saúde. Os serviços de saúde previstos no organograma da TFA (1943-1944) apresentavam a seguinte hierarquia geral: ao Departamento de Saúde Pública estavam atrelados o Serviço de Coordenação (responsável pela educação sanitária), o Serviço de Saúde e Assistência da Capital (abarcava o Hospital e o Centro de Saúde com laboratório, posto de saúde e posto de puericultura) e, por último, o Serviço de Saúde e Assistência do Interior (que centralizava os serviços dos postos médicos do interior). Essa forma de gestão aproxima-se do modelo do sistema distrital dos centros de saúde, em que segundo Fonseca (2007), os estados estavam divididos em distritos sanitários nos quais eram instalados centros de saúde e postos de higiene, no caso do TFA previa o Hospital Geral.

Os postos, de acordo com o relatório do antigo governador, seguem o modelo “Tipo A” das propostas de instalações para os municípios do interior do estado. Esse modelo é descrito pelo Relatório do antigo governador quando apresenta uma planta baixa que segue um formato de T (Figura 10) e consiste em uma varanda interna que direciona diretamente aos consultórios de atendimento principais da edificação. O posto possui duas saídas laterais direcionadas pela varanda e um corredor de circulação internos que direciona para os demais ambientes, encaminhando a uma terceira saída para a área externa. Além de um ambiente de espera central que interliga todos os ambientes.

Figura 10: Planta baixa Posto de Saúde “Tipo A”

LEGENDA

- 1 - CURATIVOS
- 2 - CONSULTÓRIOS
- 3 - DERETORIA
- 4 - SECRETARIA
- 5 - LABORATÓRIO
- 6 - ENFERMAGEM
- 7 - COPA
- 8 - COZINHA
- 9 - DISPENSA
- 10 - BANHEIROS
- 11- LAVATÓRIO

Fonte: Nunes, 1946, p.111 adaptado por Carina Regina Quaresma (2024)

Sobre a locação da planta em relação ao lote, é possível observar que o pátio frontal resguarda a fachada da edificação da incidência solar em seu pior momento, no poente. O conjunto de arcadas também permite a entrada da ventilação pela sua fachada principal, amenizando a temperatura no interior do posto médico. Dentre os elementos

arquitetônicos característicos neocoloniais ressaltam-se o conjunto de arcos, as marcações na base da edificação, com marcações que se assemelham a pedra, o jogo volumétrico na cobertura, o beiral aparente e a marcação do acesso principal por uma portada com frontão (Figuras 11 e 12).

Atualmente, o Posto de Mazagão, devido às reformas constantes, não apresenta mais a sua feição original (Figura 13).

Figura 11: Posto médico modelo tipo A, percebem-se os elementos característicos do movimento Neocolonial, como o conjunto de arcadas, jogos volumétricos e revestimentos que se assemelham a pedras



Fonte: IBGE, [s.d.].⁹

⁹ <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=43235>.

Figura 12: Volumetria do antigo Posto Médico de Mazagão, produto do projeto de pesquisa “Guia de Arquitetura do Amapá”

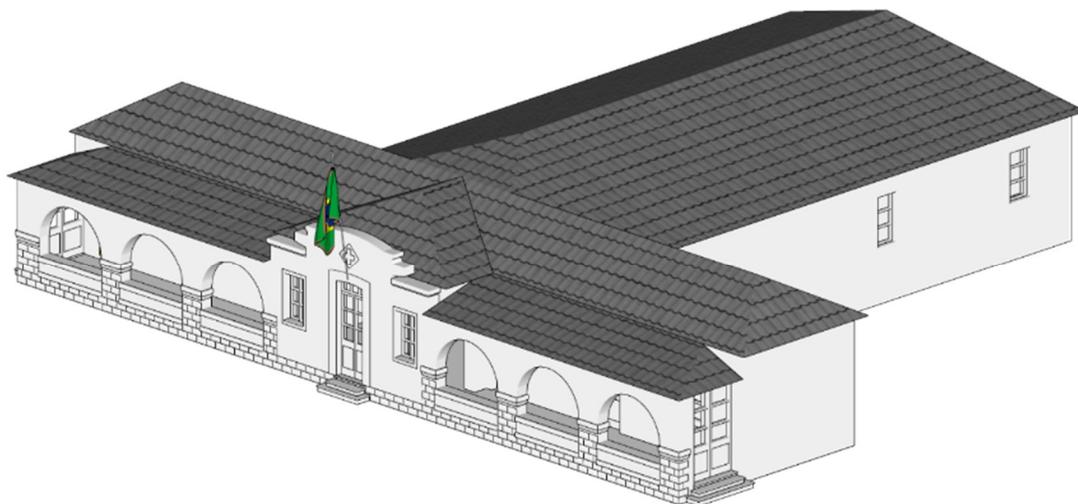


Foto: Carina Regina Quaresma (2023)

Figura 13: Fachada do atual Posto Médico de Mazagão, descaracterizada com a ausência de elementos como o pórtico de entrada e o jogo volumétrico da cobertura



Foto: Carina Regina Quaresma (2023)

Além do Hospital de Macapá e dos postos de saúde, outras edificações de assistência à saúde que marcaram a formação do Território do Amapá foram a Maternidade Pública, hoje Maternidade Mãe Luzia, mencionada anteriormente, e o Posto de Puericultura Iracema Carvão Nunes, construído pela Campanha de Redenção da Criança, implementada pela Legião Brasileira de Assistência (LBA), sob a administração do governo do Território Federal do Amapá e da primeira-dama na época, Iracema Carvão Nunes.

Considerações Finais

As edificações apresentadas neste trabalho fazem parte de uma pesquisa em andamento que tem por finalidade mapear as arquiteturas históricas da saúde no estado do Amapá, dentro de um recorte temporal das décadas de 40 e 50 do século XX. O Hospital de Macapá, também conhecido por Hospital Geral, assim como o Posto de Mazagão, são objetos significativos para a história da Arquitetura do período de implantação do Território Federal do Amapá (TFA). Fazem parte de um contexto nacional, que segundo Fonseca (2007), tinha a política social e de saúde servindo como instrumentos para assegurar e fortalecer a presença do governo central nos interiores do Brasil.

O TFA pode ser analisado como um dispositivo, o que segundo Foucault (1979) é:

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 1979, p. 244).

Segundo o autor, um dispositivo engloba o dito e o não dito, o dizer e o fazer, ele é a rede que interliga todos esses elementos e que em um determinado momento histórico foi capaz de responder a uma urgência. Dessa maneira, os discursos devem ser vistos como resultantes do esforço que determinada sociedade, em um determinado momento, fez para garantir que a imagem que ela queria deixar de si pudesse chegar às futuras gerações. Por isso, vale analisar as condições de produção dos discursos e se colocar diante das fontes e dos sujeitos, na atitude descrita por Le Goff (2003), ao tratar do documento-monumento, em que o olhar para aquele material não deve ser inocente, pois é preciso desmistificar o significado aparente que eles carregam. Para ler “a massa de elementos”, a qual se refere Foucault (2008), vale fazer o esforço de desenrolá-la, isolá-la, reagrupá-la e fazê-la pertinente, e é nesse processo de leitura de discurso que se analisa como a prática individual discursiva

As fontes analisadas até o momento desta pesquisa demonstram como os agentes que serviam ao TFA utilizavam diversos instrumentos discursivos para construir a imagem de um novo momento para o Amapá. Para esse fim, a depreciação do contexto passado à implantação do Território Federal foi recorrente, sobretudo nos aspectos "sanados" pelo novo governo, por isso, foram pesquisados artigos de jornais com

propaganda janarista, intervenções pessoais de servidores, o conjunto arquitetônico edificado, dentre outros, todos apontados como a trama que constitui o dispositivo foucaultiano que agia como uma forma de poder para validar e garantir a configuração de uma nova situação no Amapá.

Assim, a construção de uma imagem de governo que identificasse a passagem de um passado retrógrado para um presente de progresso e modernização foi realizada a partir de arquiteturas em consonância com a gama de discursos emitidos no processo de consolidação do Território Federal do Amapá. Ao analisar esse conjunto de fontes, reforçamos a compreensão de Le Goff (2003) sobre o documento/monumento: de que ele não é inócuo, é uma trama, seja consciente ou inconsciente da sociedade que o produziu, não estanque ao momento de sua produção, mas que ao longo do tempo se ressignifica de sentidos, ou mesmo cai no esquecimento, no apagamento ao longo de sua trajetória histórica.

O conjunto arquitetônico da saúde também atendeu à configuração histórica daquele momento, e aqui apontamos tais edificações como objetos significativos para a história da Arquitetura da Saúde brasileira, uma vez que apresentam o material, a linguagem arquitetônica, as técnicas construtivas, assim como a concepção projetual dos equipamentos hospitalares nos anos 40 e 50 do século passado, contribuindo para reflexão no campo de pesquisa da história da saúde. Devemos ressaltar que embora descaracterizadas ao longo do tempo, entendemos que seus remanescentes são dotados de valor patrimonial cultural, seja pelo reconhecimento por serem centros disseminadores da ciência oficial, seja pelo valor simbólico estabelecido com a população local que apresenta lembranças afetivas com os espaços. Assim, esta pesquisa aponta para a necessidade de resguardar os remanescentes documentais e as memórias que emergem desse conjunto, para que possam contribuir na ampliação dos estudos históricos, arquitetônicos e culturais sobre os espaços de saúde na Amazônia brasileira.

Referências

AMAPÁ. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, p. 2, 9-12 fev. de 1948.

AMORA, Ana Maria Gadelha Albano; COSTA, Renato da Gama-Rosa (Orgs.). **A modernidade na arquitetura hospitalar**: contribuições para a historiografia. Rio de Janeiro: UFRJ, PROARQ, 2019. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/44778>. Acesso em: 5 abr. 2024.

BRASIL. **Decreto Lei nº 5.839 de setembro de 1943**. Dispõe sobre a administração dos Territórios Federais do Amapá, do Rio Branco, do Guaporé, de Ponta Porã e do Iguassú. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br>.

BRUM, C. Enrique de. **O “Interventor da Saúde”**: trajetória e pensamento médico de Bonifácio Costa e sua atuação no Departamento Estadual de Saúde do Rio Grande do Sul (1938-1943). 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Pós-Graduação em História, Unisinos, São Leopoldo, 2013.

- BURKER, P. **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 1992.
- CHAVES, C. Arquitetura, modernização e política entre 1930 e 1945 na cidade de Belém. **Vitruvius**, ano 8, 2008. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.094/161>. Acesso em: 4 nov. 2011.
- CHAVES, Túlio Augusto Pinho de Vasconcelos. **O Plano de Urbanização de Belém: cidade e urbanismo na década de 1940**. 2016. Tese (Doutorado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em História da Amazônia, Belém, 2016.
- COSTA, Renato Gama-Rosa. Apontamentos para a arquitetura hospitalar no Brasil: entre o tradicional e o moderno. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.18, supl.1, p.53-66, 2011. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/15388>. Acesso em: 5 abr. 2024.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2015.
- FONSECA, Cristina M. Oliveira. **Saúde no Governo Vargas (1930-1945): dualidade institucional de um bem público**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.
- LE GOFF, Jacques. **A História nova**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1990.
- LOBATO, Sidney da Silva. **Educação na fronteira da modernização: a política educacional no Amapá (1944-1956)**. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.
- LOBATO, Sidney da Silva. Federalização da fronteira: a criação e o primeiro governo do Amapá (1930-1956). **Territórios e Fronteiras**, v. 7, n.1, 2014.
- LUNA, Verônica Xavier. **Um caos que abriga histórias de vidas: sociabilidades conflituosas na gentrificação da cidade de Macapá (1943-1970)**. Brasília: Senado Federal, 2020.
- MIRANDA, Aristóteles Guilliod de; ABREU JUNIOR, José Maria de Castro. Sanatório Barros Barreto (Belém-PA): a epopeia - ou via sacra? - de sua construção. **Revista Pan-Amazônica Saúde**, v. 2, n. 7, p. 13-25, 04 jul. 2016. Disponível em: <http://revista.iec.pa.gov.br/>. Acesso em: 22 mar. 2024.
- NUNES, Janary. **Relatório das atividades do Governo do Território Federal do Amapá em 1944**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.
- OLIVEIRA, Luiz Paulo Leal de. A arquitetura hospitalar protomoderna no Instituto Nise da Silveira. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO RIO: Moderno no Rio: do Risco ao Risco. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UFRJ/ PROURB; COC/ PPGPAT, 2017. p. 98-121. Disponível em: <http://www.fauufrj.br/prourb/publicacoes>. Acesso em: 6 jun. 2024.
- QUEIROZ, Dinah Silveira de. Viagem ao Amapá. **Jornal do Commercio**, p. 3, 1 de fev. de

1948.

RIBEIRO, Cecília. O projeto do hospital moderno no Brasil. **Arquitextos**, São Paulo, v. 20, n. 237.06, fev. 2020. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/20.237/7645>. Acesso em: 5 jun. 2024.

SILVA, Daniela Teles. Eugenia, saúde e trabalho durante a Era Vargas. **Em tempo de histórias**, n. 33, 2018.

SILVA, Maura Leal da. A cidade imaginada: histórias de vivências em Macapá nos primeiros anos do Território Federal do Amapá. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 35, p. 289-308, 2022.

SILVA, Marcos Virgílio da. Detritos da civilização: eugenia e as cidades no Brasil. **Vitruvius**, 4, 2004.

TERRITÓRIO Federal do Amapá: O que fez em quatro anos a administração Janary Gentil Nunes. **A Província do Pará**, p. 3, fev. de 1948.

TUTYA, Dinah R. **Ernesto Cruz**: um diálogo entre a história e a construção do patrimônio cultural no Pará (1940-1960). 2023. Tese (Doutorado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em História da Amazônia, Belém, 2023.

TUTYA, Dinah R.; QUARESMA, Carina R. Q.; NUNES, Ana M. C.; RIBEIRO, Ana Paula O. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA. Entre ausências e permanências: a arquitetura territorial de Macapá como patrimônio cultural e proposta de um Museu Contextual. **Resumos** [...]. 2023.

ZOUAIN, Rosana Soares. Preservação da arquitetura moderna na Fundação Oswaldo Cruz: o caso do antigo Pavilhão da Febre Amarela. *In*: SEMINÁRIO DOCOMOMO RIO: Moderno no Rio: do Risco ao Risco. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: UFRJ/ PROURB; COC/PPGPAT, 2017. Disponível em: <http://www.fauufrj.br/prourb/publicacoes>. Acesso em: 19 abr. 2024.